

UNIFAAT- CENTRO UNIVERSITÁRIO ATIBAIA
Curso de Psicologia

LAIZA NERES DA SILVA

**OS PREJUÍZOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL NO
DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL INFANTIL**

Atibaia

2018

UNIFAAT- CENTRO UNIVERSITÁRIO ATIBAIA
Curso de Psicologia

LAIZA NERES DA SILVA

**OS PREJUÍZOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL NO
DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a aprovação do curso
Psicologia do UNIFAAT – Centro Universitário
Faculdades Atibaia, sob orientação do Prof. Dr.
Geraldo Antônio Fiamenghi Junior.

Atibaia

2018

Silva, Laiza Neres da
S581p Os prejuízos da violência sexual no desenvolvimento emocional infantil. / Laiza Neres da Silva, - 2018.
25 f.; 30 cm.

Orientação: Geraldo Antônio Fiamenghi Junior

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Faculdades Atibaia, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia da Faculdades Atibaia, 2018.

1. Abuso sexual 2. Desenvolvimento emocional 3. Infância 4. Psicanálise
I. Silva, Laiza Neres da II. Fiamenghi Junior, Geraldo Antônio III. Título

CDD 150.195

LAIZA NERES DA SILVA

Título: “OS PREJUÍZOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL INFANTIL”.

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Psicologia, avaliado pelo professor orientador responsável, Geraldo A. Fiamenghi Júnior, que após sua análise, considerou o trabalho aprovado, com conceito 10,0 (dez).

Atibaia, 09 de novembro 2018.



Prof. Dr. Geraldo A. Fiamenghi Júnior

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado forças nas horas de angústias, por ter ouvido minhas preces quando tudo era tempestade.

Agradeço aos meus pais, por nunca terem me deixado desistir da Psicologia, ao meu pai que lutou comigo até o seu último dia de vida, me incentivando e me apoiando a superar os obstáculos; à minha mãe por não ter saído do meu lado no momento mais difícil, por ter me dado colo e todo seu carinho, me ajudando a chegar até aqui.

Agradeço ao meu orientador Dr Geraldo Antônio Fiamenghi Jr, por ter se dedicado tanto quanto eu ao meu trabalho, por ter feito das supervisões momentos leves e de muito conhecimento. Por todo saber compartilhado com muito carinho.

Agradeço a todos os professores que participaram da minha vida acadêmica. Alguns em especial, por terem compartilhado com tanta delicadeza todo conhecimento, por terem me instruído da melhor forma a ser uma profissional de sucesso no futuro, enfim agradeço as professoras Kátia Ricci, Paula Andrada e Ana Cláudia Verzolla.

Agradeço ao meu namorado, por estar comigo durante esses cinco anos de faculdade, me ajudando e me incentivando a sempre ir além, com ele compartilhei todas as conquistas, experiências, emoções, e todas as situações de tristeza.

Aos meus irmãos e irmãs, que contribuíram também para a realização dessa etapa, principalmente neste último ano.

Aos meus colegas, que fizeram dos meus dias mais leves, com piadas, risos, textos, artigos compartilhados, angústias comuns.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa em minha vida.

Em memória de meu pai Abelardo da Silva, homem analfabeto, que conduziu e incentivou minha educação formal. Que mesmo com tantos obstáculos, nunca me deixou desistir da Psicologia.

SILVA, L.N. Os prejuízos da violência sexual no desenvolvimento emocional infantil.
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). UNIFAAT, Curso de Psicologia, 2018.

RESUMO

A violência se faz presente na existência humana em suas mais variadas formas, afetando milhões de pessoas, em suas todas suas esferas. Embora essa violência esteja enraizada em diferentes culturas, não se pode aceitar como parte essencial para existência humana, sendo necessário vê-la como problema de saúde pública. O objetivo geral desta pesquisa foi estudar os efeitos do abuso sexual infantil no desenvolvimento emocional das crianças, por meio de pesquisas bibliográficas, com busca dos dados em sites, artigos, livros, à luz da da Psicanálise. Constatou-se que crianças abusadas sexualmente têm mais dificuldades em desenvolver certas habilidades sociais.

Palavras-chave: Abuso Sexual; Desenvolvimento Emocional; Criança; Psicanálise

SILVA, L.N. **The damage of sexual violence to child's emotional development.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). UNIFAAT, Curso de Psicologia, 2018.

ABSTRACT

Violence is present in human existence in different ways, causing damage to millions of people, in all settings. Although that violence is rooted in different cultures, it cannot be accepted as an essential part to human existence; there is a need to face it as a public health problem. The aim of this research was to study the effects of sexual abuse in children's emotional development, via literature review in sites, papers, books, in a Psychoanalytical framework. It was shown that children who suffer sexual abuse are more prone to difficulties in their social abilities.

Keywords: Sexual Abuse; Emotional Development; Child; Psychoanalysis

SUMÁRIO

I.	APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVAS	10
II.	INTRODUÇÃO	11
III.	Violência sexual infantil	13
IV.	Desenvolvimento emocional infantil	16
V.	OBJETIVOS	19
VI.	METÓDO	20
VII.	DISCUSSÃO	21
VIII.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	25

I. APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVAS

A escolha pela temática ocorreu a partir de buscas por material bibliográfico para leitura pessoal.

A partir desse interesse, foram realizadas observações em uma ONG para crianças, em um contexto de vulnerabilidade similar, que intensificaram a busca para compreender a influência do abuso sexual no desenvolvimento emocional infantil.

A relevância científica deste trabalho para a psicologia está em compreender e entender os prejuízos emocionais causados em crianças que sofrem abuso sexual, para que dessa forma consiga auxiliar no desenvolvimento emocional infantil, para que ela tenha a saúde psicológica saudável.

Do ponto de vista da relevância social, essa pesquisa pode contribuir para que haja um aumento em estudos voltados para essa temática no país, de forma mais aprofundada, proporcionando um entendimento melhor para futuros profissionais da psicologia.

II. INTRODUÇÃO

A violência se faz presente na experiência humana em suas mais variadas formas, afetando milhões de pessoas em todas as esferas, faz com que pessoas percam suas vidas, e as que não são feridas fatalmente, carregam marcas que podem ser emocionais, psicológicas e físicas. Embora essa violência esteja enraizada nas diferentes culturas, não podemos aceitar como um aspecto essencial para a existência humana. Há uma crescente necessidade de vermos a violência como saúde pública, lutarmos para que mudanças sejam feitas (DAHLBERG; KRUG, 2006).

É importante ressaltar o papel da saúde pública quando falamos de violência, pois, segundo a abordagem da saúde pública a violência está baseada nos requisitos rigorosos do método de Dahlberg e Krug (2006). Ao deslocar-se do problema para a solução, ela apresenta quatro etapas importantes: 1) examinar o maior número possível de conhecimentos básicos sobre todos os aspectos da violência e unir sistematicamente dados sobre a extensão, o objetivo, as características e as consequências da violência a nível local, nacional e internacional; 2) investigar por que a violência ocorre, isto é, realizar pesquisas para determinar causas e fatores correlatos da violência; os fatores que aumentam ou diminuem o risco de violência; os fatores passíveis de serem modificados por intermédio de intervenções; 3) usando a informação acima, explorar formas de prevenção da violência, planejando, executando, monitorando e avaliando as intervenções; 4) levando a cabo, em cenários diversos, as intervenções que parecem promissoras, disseminando amplamente a informação, bem como determinando o custo e a eficácia dos programas (DAHLBERG; KRUG, 2006).

A violência doméstica e as suas derivadas formas (física, psicológica, sexual, gênero, etc) destrutivas, atingem o outro para destruí-lo, mas de certa forma ferem a humanidade como um todo. Este fenômeno é uma herança comum, historicamente, a todas as classes sociais, culturas e sociedades e, portanto, um fenômeno intrínseco ao processo civilizatório (GOMES et al, 2007).

Pensar sobre a violência doméstica e os prejuízos que essa traz para crianças em fase de desenvolvimento psíquico, é uma tarefa de grande complexidade, pois, devemos observar todos os contextos em que essa criança vive. A família não é a única referência para o desenvolvimento infantil, mas sim todo o contexto biopsicossocial em que ela estiver inserida.

Entre as muitas possibilidades para investigar esse tema, optou-se pela pesquisa bibliográfica na abordagem psicanalítica, utilizando-se de alguns autores para seu embasamento, como Winnicott (1896/1971), Fulgencio (2011), Kruerger (2003). Sendo assim, a psicanálise entende o processo de desenvolvimento afetivo e cognitivo como um dos aspectos fundamentais para compreender a constituição do ser humano. A criança deseja que seu ambiente seja acolhedor, que forneça amor, aceitação, e que nele possa ser ouvida, despertando a curiosidade e o aprendizado. A criança é um pequeno observador e capta tudo que está em sua volta, de maneiras boas ou ruins (FULGENCIO; 2011).

As considerações de Fulgencio (2011) apontam que uma das condições indispensáveis é a de um ambiente constituído por cuidados suficientemente bons, que advém de uma pessoa totalmente identificada, tanto consciente quanto inconscientemente, com a criança. Nesse sentido, o ambiente seria capaz de se adaptar às suas necessidades, capacitando-o para fruir em sua existência, à medida que elabora imaginativamente suas experiências corporais e que descobre e se relaciona com os objetos externos. Esses processos possibilitam a continuidade do desenvolvimento infantil em termos físico e cognitivo, bem como o seu amadurecimento pessoal. Conceitualmente, ele afirma que o espaço, no qual podem surgir objetos que não pertencem propriamente ao mundo externo, nem ao mundo interno (denominado por ele espaço potencial), é tanto o espaço onde surgem os objetos transicionais, como aquele em que se dá a vida cultural (e, portanto, a vida simbólica compartilhada): “O lugar em que à experiência cultural se localiza está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio” (p. 139).

A escolha do tema abordado derivou-se de um estágio de observação, realizado numa ONG, aonde a problemática da violência ressaltou-se, devido aos relatos da profissional da psicologia responsável pelo atendimento psicológico das crianças, e aos relatos das próprias crianças, que em meio às brincadeiras e dinâmicas realizadas, traziam questões de violência doméstica que sofriam em casa. Nesta ONG tinha uma diversidade de crianças de diferentes ambientes e condições financeiras, mas em sua maioria eram crianças em situação de vulnerabilidade social e de pobreza. A investigação das causas contribuirá e dará respaldo para futuros profissionais e agregará conhecimentos, fazendo com que os profissionais tenham maior compreensão quando estiverem de frente com uma criança que passou por esses tipos de situações de violência.

III. VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL

No Brasil, a cada ano aumenta o índice de casos de abusos sexuais infantil. Cerca de 67,7% das crianças e jovens que sofrem abuso ou/e exploração sexual são meninas; os meninos representam 16,52% das vítimas. A faixa etária mostra que cerca de 40% dos casos é referente a crianças de 0 a 11 anos. O perfil do agressor aponta para homens (62,5%) e adultos de 18 a 40 anos (42%) como principais autores dos casos denunciados. O abuso sexual infantil tem sido considerado um grave problema para a saúde pública, pois as vítimas precisam além do apoio da rede, precisam também de ajuda psicológica, o abuso sofrido gera muitos prejuízos no desenvolvimento emocional, social, afetivo, cognitivo das vítimas e de suas famílias (HABIGZANG et al, 2005).

As denúncias e as notificações fazem com que a demanda e necessidade de profissionais qualificados da área da psicologia aumente nas redes públicas, para dar suporte e atendimento às vítimas e as famílias que estão fragilizadas. Podemos perceber que a criança/adolescente, fica refém do adulto, que é o ser sexualmente maduro, que tem compreensão e capacidade de distinguir os seus atos e as consequências deles, mas aproveita da imaturidade da criança e a torna como um objeto capaz de satisfazer seus desejos. As dificuldades no discernimento da criança sobre a situação do abuso fazem com que ela sintam-se em excesso, ou seja, algo que não deveria acontecer naquele momento com ela está acontecendo, faz com que haja um pulo de fase de desenvolvimento; esse excesso vai trazer o desamparo e a confusão de sentimentos na criança, pois, quem deveria proteger ‘adultos/pais’ não o faz.

o abuso sexual pode ser definido como o envolvimento de crianças e adolescentes em atividades sexuais que não compreendem em sua totalidade e com as quais não estão aptos a concordar (AMAZARRAY, KOLLER, 1998, 561).

Essa interação sexual pode ser considerada todo é qualquer ato sexualizado com a criança, como carícias, toques nas partes genitais, sexo oral, e penetrações anais, digitais, genitais. O abuso sexual consiste também em interações não físicas, como assédio, exibicionismo e *voyeurismo*. Outra definição do abuso sexual é a forma como ele ocorre, fora do contexto familiar, quando a criança é envolvida em pornografia ou exploração sexual. Já quando o abuso ocorre no contexto familiar é considerado como uma situação incestuosa, ou seja, o abusador é alguém do convívio social da criança, alguém em que ela tenha contato, laços familiares, uma pessoa em que confia ou que é de confiança para

a família, qualquer pessoa que possa ser denominada como cuidador da criança, como tios, avós, irmãos, meio irmãos, padrastos, madrastas, etc (HABIGZANG et al, 2005). Podemos enfatizar que a vulnerabilidade das crianças frente a uma situação de abuso retira-as do papel de sujeito e a criança passa a ser submetida a realizar o desejo do abusador (JUNQUEIRA, 1999).

Quando o abuso ocorre na situação intrafamiliar é desencadeada uma problemática ainda mais complexa, pois, devido aos laços afetivos, as crianças ficam em uma vulnerabilidade ainda maior, criando-se dois aspectos interligados:

“Síndrome de Segredo”, que está diretamente relacionada com a psicopatologia do agressor (pedofilia) que, por gerar intenso repúdio social, tende a se proteger em uma teia de segredo, mantido às custas de ameaças e barganhas à criança abusada; e a “Síndrome de Adição” caracterizada pelo comportamento compulsivo do descontrole de impulso frente ao estímulo gerado pela criança, ou seja, o abusador, por não se controlar, usa a criança para obter excitação sexual e alívio de tensão, gerando dependência psicológica e negação da dependência (HABIGZANG e cols, apud FURNISS, 1993, p.342).

Existe outra categoria para definir os tipos de abusos sexuais, o abuso sexual familiar sistêmico. O abuso sexual sistêmico é caracterizado a um processo de vitimização, no qual a criança torna-se a vítima, acontece dentro do seio familiar e geralmente tem vários abusadores. Em sua maioria, os pais participam ou encorajam que outros membros da família participem, os pais falham e não oferecem proteção para a criança que está sendo abusada. Esse tipo de abuso perpetua-se até a vida adulta, pois, como inicia-se na infância, a vítima não reconheça tais comportamentos como abuso (WATSON, 1994).

Outras características que estão ligadas ao abuso sexual, são a negligência, abusos físicos e psicológicos. As relações familiares incestuosas são caracterizadas por aspectos assimétricos e hierárquicos, nos quais há uma relação de subordinação.

Há fatores de risco que estão sendo verificados em casos de famílias incestuosas, quando os pais foram abusados ou negligenciados em suas famílias de origem; abuso de álcool e outras drogas; papéis sexuais rígidos; falta de comunicação entre os membros da família; autoritarismo; estresse; desemprego; indiferença; mãe passiva e/ou ausente; dificuldades conjugais; famílias reestruturadas (presença de padrasto ou madrasta); isolamento social; pais que sofrem de transtornos psiquiátricos; doença, morte ou separação do cônjuge; mudanças de comportamento da criança, incluindo conduta

hiperssexualizada, fugas do lar, diminuição no rendimento escolar, uso de drogas e conduta delinvente (KOLLER, DE ANTONI, 2004; THOMAS, cols., 1997).

O abuso extrafamiliar não é tão recorrente quanto ao citado acima, mas seu índice é elevado. Ele acontece nas escolas, creches, grupos lares, e em sua maioria os adultos são os perpetradores. Para que se consiga descobrir esse tipo de abuso, os pais devem estar sempre atentos aos comportamentos dos filhos, e procurar investigar (AMAZARRAY, KOLLER, 1998).

Desde que foram criadas leis protetivas para crianças, como o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), houve necessidade de grandes reorganizações na rede, para que os profissionais consigam dar o suporte necessário para as vítimas e suas famílias.

Como um problema multidisciplinar, requer a estreita cooperação de uma ampla gama de diferentes profissionais com diferentes tarefas. Como um problema legal e terapêutico, requer, por parte de todos os profissionais envolvidos, o conhecimento dos aspectos criminais e de proteção da criança, assim como dos aspectos psicológicos. Envolve as crianças como seres humanos estruturalmente dependentes, que são pessoas com seus próprios direitos, mas que não podem exercer esse direito elas mesmas, precisando de proteção e do cuidado dos pais. A natureza específica do abuso sexual da criança como uma síndrome conectadora de segredo para a criança, a pessoa que cometeu o abuso e a família, e como uma síndrome de adição para a pessoa que cometeu o abuso complica tanto a intervenção legal quanto a intervenção protetora da criança, assim como a própria terapia (FURNISS, 1993, p. 5).

Desta forma faz-se necessário investimento, para especializar os profissionais envolvidos em casos de abuso, de forma que eles possam de forma coerente e investigativa, dar o aparato para as vítimas e suas famílias. Como há um envolvimento de profissionais de várias áreas, tem que haver uma comunicação ainda maior da evolução do caso e como está sendo resolvido.

IV. DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL INFANTIL

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), tem incorporado o Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI) no Brasil, buscando algumas dimensões e conceitos sobre o desenvolvimento infantil e aspectos que englobem o enfoque dos direitos humanos contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Ainda que enfrentem as limitações para esse desenvolvimento, a utilização de meios reveste-se de grande importância para que as políticas públicas utilizadas para orientação à infância sejam adequadamente monitoradas (UNICEF, 2001).

É fundamental avaliar/analisar a relação e as possibilidades facilitadoras para o desenvolvimento infantil no ambiente, além de questionar como estavam e como estão as condições físicas e psicológicas da mãe, no período pré e pós-parto, quais os fatores críticos, que são as bases do desenvolvimento infantil, e que acontecem nessa mesma época, dependendo inteiramente da relação significativamente próxima entre mãe-bebê (FLORES, 2012). Segundo Winnicott (FLORES e cols, apud WINNICOTT, 1978, p.) “um bebê não existe sozinho, mas é essencialmente parte de uma relação que se estabelece precocemente, desde a gestação”. A formação de vínculo é a base para o desenvolvimento do indivíduo, e sabendo-se da precocidade de seu estabelecimento, a atenção à gestante é essencial (KAPPEL, 2007).

Mães que passam por situações de algum tipo de patologia, como a depressão e a ansiedade, podem trazer fatores de risco para o desenvolvimento infantil, ligados à não formação de apego, ou seja, insegurança na relação entre mãe e bebê. Sendo assim, a saúde psíquica da mãe é de extrema relevância para a constituição do eu, sendo uma das bases principais para os demais relacionamentos do bebê no decorrer do seu desenvolvimento. O desenvolvimento sadio representa proteção e segurança, sendo fundamental para o desenvolvimento do aparelho psíquico (FLORES, SOUZA, MORAES, BELTRAMI, 2012).

O profissional especialista em desenvolvimento infantil em atenção primária necessita conhecer os aspectos comportamentais típicos/normais de uma criança em desenvolvimento, para que assim possa identificar quais fatores podem contribuir para o desenvolvimento atípico (MENGEL, MARTINS, LINHARES, 2007).

Eventos estressantes que acontecem vida de qualquer indivíduo, como mudanças no ambiente, que normalmente induzem uma maior tensão, e interferem nos padrões de

respostas aos estímulos, são associados a uma grande variedade de distúrbios físicos e mentais (MAIA, WILLIAMS, 2005).

Segundo Barnett (1997), o abuso e a negligência causam sequelas que abrangem uma enorme variedade de aspectos do desenvolvimento, como a cognição, linguagem, desempenho acadêmico e desenvolvimento socioemocional. Essas crianças, na maioria das vezes, apresentam déficit em suas habilidades de regular afeto e no comportamento geral. Há também fatores de risco para o desenvolvimento infantil, envolvendo algumas modalidades e ou tipos de violências, como violência física, negligência, violência psicológica, e a exposição à violência conjugal. Crianças que presenciam brigas entre os pais podem ser afetadas em seu desenvolvimento (MAIA, WILLIAMS, 2005).

Hughes, Graham-Bermann e Gruber (2001), identificaram comportamentos diferentes entre pais com comportamentos abusivos e pais com comportamentos não abusivos. Pais que praticam esses comportamentos abusivos, como violência física, relataram sentir mais raiva, e demonstram dificuldades em controlar esse sentimento, diferentes dos pais que não tem tal comportamento. Esses autores mencionaram e compararam estudos que ligam de certa forma os comportamentos de adultos abusadores com os comportamentos de pais abusadores, levantaram características como: baixa tolerância à frustração, baixa autoestima, rigidez, ausência de empatia, abuso ou dependência de substâncias, depressão e problemas físicos de saúde. Comparados com pais não abusivos, os pais abusivos têm características que possuem menor compreensão da complexidade dos relacionamentos sociais, menor compreensão sobre o papel parental e sobre o atendimento às necessidades de outras pessoas, apresentam expectativa não realista e percepção negativa de seus filhos.

As consequências que o abuso sexual trará para o desenvolvimento emocional de uma criança são relativas e dependerão, na maioria das vezes das características pessoais individuais, do apoio afetivo recebido por órgãos de proteção, e até das características do abuso sexual em si, de como foram às circunstâncias desse abuso, a intensidade da violência que o abusador usou, a violência física e psicológica, e como irá ser o fortalecimento afetivo dessa criança no meio em que ela vive, os laços familiares. Essas consequências podem variar e o grau em que irão afetar a vítima em termos cognitivos, emocionais e comportamentais podem variar, desde efeitos menores, até transtornos psicopatológicos graves.

As alterações podem incluir baixa concentração e atenção, dissociação, refúgio na fantasia, baixo rendimento escolar. Os sintomas vão revelar a percepção das crianças

quanto ao abuso sofrido, e também a percepção de culpa, diferença em relação aos seus pares, desconfiança e sentimento de inferioridade e inadequação. Algumas alterações emocionais trazem sentimentos de vergonha, culpa, ansiedade, tristeza, raiva e irritabilidade; as alterações comportamentais ressaltam a conduta hiperssexualizada, abuso de substâncias, fugas do lar, furtos, isolamento social, agressividade, mudanças nos padrões de sono e alimentação, comportamentos autodestrutivos, tais como se machucar e tentativas de suicídio (HABIGZANG, KOLLER, STROEHER, HATZENBERGER, 2008).

V. OBJETIVOS

3.1. Geral

Estabeleceu-se como objetivo geral desta pesquisa os efeitos do abuso sexual infantil no desenvolvimento emocional das crianças.

3.2. Específicos

- a. Pesquisar as problemáticas que abarcam esse tema do abuso sexual infantil.
- b. Identificar e analisar as principais dificuldades das crianças que sofrem ou sofreram algum tipo abuso.
- c. Apontar quais efeitos do abuso sexual provoca no desenvolvimento infantil.
- d. Diferenciar os tipos de violências.

VI. MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, com busca dos dados em sites, artigos eletrônicos, livros.

Essa pesquisa teve como abordagem teórica a Psicanálise.

VII. DISCUSSÃO

A violência, em suas mais variadas formas, se faz presente na vida humana, afetando milhares de pessoas; muitas perdem suas vidas, devido às agressões fatais, e mesmo as que não são fatais, deixam sequelas profundas, em áreas emocionais, psicológicas e físicas. Portanto, por mais que essa violência esteja enraizada nas culturas, não podemos aceitar tal fato como algo essencial para a experiência humana. Há uma necessidade crescente de vermos a violência como um problema de saúde pública, e lutarmos para que mudanças sejam realizadas (DAHLBERG, KRUG, 2006).

Dessa forma, o abuso sexual infantil, tem sido considerado um fator de risco que acarreta um grave problema para a saúde pública, pois, as vítimas além de precisarem do apoio da rede pública, precisam essencialmente de ajuda psicológica (HABIGZANG et al, 2005). É necessário que mais denúncias e notificações sejam realizadas, para que o maior número de casos seja atendido. Com isso, a demanda de profissionais da psicologia qualificada cresça nas redes, para que possam dar suporte adequado às vítimas e as famílias que estão fragilizadas. O profissional especialista no desenvolvimento infantil deve estar sempre atento e necessita conhecer os aspectos comportamentais típicos/normais de cada fase do desenvolvimento de uma criança, para que assim consiga identificar quais os fatores que estão contribuindo para o desenvolvimento considerado atípico (MENGEL, MARTINS, LINHARES, 2007).

Faz-se necessário a aplicabilidade das leis do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) ao prever uma reorganização na rede, para que dessa forma pudesse atender e dar o suporte necessário às famílias e crianças que sofreram abuso. Houve o reconhecimento de que há muitas falhas na rede protetiva dessas crianças, e que há necessidade de uma estreita cooperação entre os profissionais, com o conhecimento de aspectos criminais e de proteção da criança, assim como os aspectos psicológicos. Pois, tal tarefa envolve a criança, que é um ser humano estruturalmente dependente, e que para ter os seus direitos preservados, precisa dos cuidados dos pais (FURNISS, 1993, p.5)

A criança/adolescente, fica refém do adulto, que é o ser sexualmente maduro, que era para ter uma maior compreensão e capacidade de diferenciar os seus atos e suas consequências. Mas, acaba por aproveitar-se da imaturidade da criança, e a torna um objeto, que é capaz de satisfazer seus desejos. A criança demora a ter discernimento sobre

a situação de abuso, fazendo com que ela se sinta em excesso, transbordando, ou seja, algo que não deveria estar acontecendo (AMAZARRAY, KOLLER, 1998).

Crianças que sofrem violência sexual saltam de uma fase do desenvolvimento pregenital para a genitalidade, de forma muito abrupta. Não sendo capaz de plena compreensão do que está ocorrendo, a criança em situação de abuso tem dificuldades em processar esse excesso de informações que acontecem com o seu corpo e no pensamento, vivenciando sentimentos de desamparo e confusão, pois, há negligência de cuidados e proteção por parte dos adultos/pais. Dessa forma, o desenvolvimento dessa criança pode ficar comprometido, pois, o ambiente que deveria possibilitar segurança e proteção, o desampara. A depender de como acontece e como essa criança irá ser tratada após o abuso, pode definir as suas relações sociais futuramente (FLORES, 2012).

Segundo Fulgencio (2011), o ambiente deve ser constituído por cuidados suficientemente bons, que vêm de uma pessoa totalmente identificada com a criança. O ambiente deve adaptar-se às necessidades, emergências e questões emocionais da criança. Esses processos possibilitam que o desenvolvimento emocional da criança continue a se desenvolver tanto cognitivamente, corporalmente e pessoalmente, a despeito de qualquer intercorrência negativa.

Conceitualmente, o espaço, no qual podem surgir objetos que não pertencem propriamente ao mundo externo, nem ao mundo interno (espaço potencial), é tanto o espaço onde surgem os objetos transicionais, como aquele em que se dá a vida cultural (e, portanto, a vida simbólica compartilhada): “O lugar em que a experiência cultural se localiza está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio” (FULGENCIO, 2011, p. 139). Dessa forma podemos dizer que toda ou qualquer ruptura no desenvolvimento da criança, que não esteja no desenvolvimento interno ou externo pode trazer consequências graves.

O abuso extrafamiliar tem um índice elevado e a criança pode ser refém desse abuso, em ambientes que os pais na maioria das vezes julgam seguro, como escolas, creches, grupos. Os pais devem estar sempre atentos aos sinais que os filhos trazem, como comportamentos, falta de vontade de ir a esses ambientes, medo, entre outros aspectos; diante disso os pais devem procurar investigar os motivos (AMAZARRAY, KOLLER, 1998).

Em casos de violência sexual incestuosa ou intrafamiliar, a situação é ainda mais complexa, pois, a criança fica ainda mais exposta e vulnerável, por conta dos laços afetivos. A ‘Síndrome de Segredo’, está completamente ligada ao agressor, que por medo

de gerar repúdio social, mantém uma rede de ameaças e barganhas á criança abusada, para que ela não conte a ninguém o que está acontecendo no seu contexto familiar (HABIGZANG e cols, apud FURNISS, 1993, p.342).

Outros fatores de risco ligados ao abuso sexual são a negligência, abusos físicos e psicológicos. Essas relações são caracterizadas por aspectos assimétricos e hierárquicos, nos quais há sempre uma relação de subordinação.

O abuso e a negligência podem causar sequelas que abrangem uma enorme variedade de aspectos do desenvolvimento, como a cognição, linguagem, desenvolvimento socioemocional. Crianças abusadas podem apresentar déficit em suas habilidades de regular os afetos, podendo apresentar o que ditam como maus comportamentos, nos meios sociais (MAIA, WILLIAMS, 2005).

VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou investigações a partir de estudos bibliográficos acerca do assunto de abuso sexual infantil, e os prejuízos causados no desenvolvimento emocional da criança. Diante das pesquisas pode-se identificar que as crianças que sofrem abuso sexual, em sua maioria são meninas, e o perfil do agressor é sempre alguém que está próximo a família, e que tem a confiança da criança.

Crianças abusadas em sua maioria enfrentam grandes dificuldades de desenvolvimento das habilidades sociais, sendo mais retraídas. Algumas crianças desenvolvem problemas de aprendizagem, e não conseguem aprender a ler e a escrever, sendo taxadas nas escolas, na maioria das vezes vistas como indisciplinadas.

Os tipos de violência podem ser considerados como todo e qualquer tipo de ato sexualizado, consistindo em carícias, nas partes genitais, sexo oral, penetrações digitais, genitais, anais. Há também o tipo de abuso que não consiste em interações físicas, como assédio, exibicionismo e *voyeurismo*. A forma como o abuso acontece irá diferenciar os tipos e abusos no contexto familiar são considerados como incestuosos, se o abusador for um membro da família, ou alguém próximo à criança. O abuso fora do contexto familiar acontece quando a criança é envolvida em pornografia ou exploração sexual.

Consequentemente, é necessário um esforço de prevenção em escolas e com os pais, para que mais notificações de abuso sejam realizadas no meio público, atendendo o maior número de crianças violentadas, com atendimento adequado no setor público e com profissionais qualificados.

Portanto, conclui-se que há necessidade mais estudos no assunto, para que se possa compreender de forma mais aprofundada os efeitos e prejuízos do abuso sexual na infância.

REFERÊNCIAS

AMAZARRAY, Mayte Raya; KOLLER, Silvia Helena. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 3, 1998.

BOMBARDELLI KAPPEL, Dolores. Índice de desenvolvimento infantil no Brasil: uma análise regional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, 2007.

BRASIL. **Constituição Federal**, Brasília: Senado Federal 1988/1999.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Brasília: MEC, ACS, 1990/2005.

DE SOUZA MEZÊNCIO, Márcia. Metodologia e pesquisa em psicanálise: uma questão. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 104-113, 2004.

DAHLBERG, Linda, L; KRUG, Etienne, G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.11, p.1163-1178, 2006.

FLORES, Mariana Rodrigues; SOUZA, Ana Paula Ramos; MORAES, Anaelena Bragança; BELTRAMI; Luciane. Associação entre indicadores de risco ao desenvolvimento infantil e estado emocional materno. **Revista CEFAC**, v. 15, n. 2, p. 348-360, 2012.

FULGENCIO, Leopoldo. A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. **Paidéia**, v. 21, n. 50, 2011.

FURNISS, Tilman. **Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOMES, Nadielene Pereira; DINIZ, Normélia Maria Freire; ARAÚJO, Ana Jacob Souza; COELHO, Tamara Maria Freitas. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 4, p. 504-8, 2007.

HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Sílvia Helena; STROEHER, Fernanda Helena; HATZENBERGER, Roberta; CUNHA, Rafaela Cassol; RAMOS, Michela da Silva. Entrevista clínica com crianças e adolescentes de abuso sexual. **Estudos de Psicologia**, v. 13, n.3, 2008.

HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Sílvia Helena; AZEVEDO, Gabriela Azen; MACHADO, Paula Xavier. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos

observados em processos jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 341-348, 2005.

JUNQUEIRA, M.F.P.S. Abuso sexual da criança, desamparo e superego: uma reflexão. **Cadernos de Psicanálise**, v. 21, n.13, p. 55-63, 1999.

MAIA, Joviane Marcondelli Dias; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Temas em Psicologia**, v.13, n. 2, p. 91-103, 2005.

KOLLER, S.H.; De ANTONI, C. Violência intrafamiliar: Uma visão ecológica. Em S. H. KOLLER (Org.), **Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 293-310.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da afetividade na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Psicopedagogia. Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2003.

SANTA MARIA-MENGEL, Margaret Rose; MARTINS LINHARES, Maria Beatriz. Fatores de risco para problemas de desenvolvimento infantil. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.15, 2007.